

Capítulo 8 Em Síntese

Povos da Amazônia antes da Colonização Europeia



O cacique Adílio Kanamari, cujo nome na sua língua é Arabonã (Foto: Bruno Kelly/Amazônia Real)



THE AMAZON WE WANT
Science Panel for the Amazon

Povos da Amazônia antes da Colonização Europeia

Eduardo G. Neves^a, Laura P. Furquim^a, Carolina Levis^b, Bruna C. Rocha^c, Jennifer G. Watling^a, Fernando Ozorio de Almeida^d, Carla Jaimés Betancourt^e, Andre B. Junqueira^f, Claide P. Moraes^c, Gaspar Morcote-Rios^g, Myrtle P. Shock^c, Eduardo K. Tamanaha^h

Mensagens Principais

- 1) A Amazônia é ocupada por povos Indígenas há mais de 12.000 anos. Durante essa longa história, as sociedades Indígenas desenvolveram tecnologias altamente adaptadas às condições locais e otimizaram a expansão de sistemas de produção de alimentos.
- 2) A arqueologia amazônica demonstra o quanto a história Indígena da região é caracterizada pela diversidade cultural e agrobiológica. Trata-se de um dos poucos centros de domesticação de plantas no planeta e o primeiro centro de produção de cerâmica no Novo Mundo.
- 3) A história evolutiva dos biomas amazônicos durante o Holoceno está significativamente entrelaçada com as práticas de gestão dos Povos Indígenas até um ponto em que é difícil, hoje em dia, separar a herança natural e cultural na região.
- 4) Essas tecnologias podem inspirar novas formas de urbanismo, gestão de resíduos e sistemas de uso de terra integrados com as condições da natureza amazônica, com o potencial de fomentar soluções sustentáveis para o desenvolvimento da região.

Recomendações

- 1) Os direitos dos povos Indígenas e comunidades locais devem ser reconhecidos e garantidos urgentemente. Seus direitos à autodeterminação devem ser defendidos.
- 2) Deve-se reconfigurar as reservas naturais de estrita proteção, cujos interiores têm sido tradicionalmente ocupados pelos povos Indígenas e comunidades locais, a fim de permitir eles permaneçam e continuem com seus modos de vida, preservando sua herança natural e cultural.
- 3) A legislação deve incluir maior reconhecimento dos direitos às áreas de uso comum dentro dos territórios dos povos Indígenas e comunidades locais a fim de evitar conflitos com comunidades vizinhas. Uma condição *sine qua non* é realizar uma profunda pesquisa sobre os povos afetados e sua herança natural e cultural, bem como sua inclusão, antes de conduzir demarcações territoriais.
- 4) Deve-se considerar outros usos da terra, não apenas para habitação, quando da configuração de áreas protegidas (que incluem terras Indígenas, unidades de conservação e territórios de povos tradicionais). As florestas antropogênicas devem ser compreendidas como herança natural e cultural.

^a Laboratório de Arqueologia dos Trópicos, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. Av. Prof. Almeida Prado, 1466, Cidade Universitária - São Paulo SP 05508-070, Brasil, edgneves@usp.br

^b Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário, s/n, Sala 208, Bloco E, Prédio Administrativo, Córrego Grande Florianópolis SC 88040-900, Brasil

^c Programa de Antropologia e Arqueologia, Instituto de Ciências da Sociedade, Universidade Federal do Oeste do Pará Campus Santarém, Unidade Boulevard Av. Mendonça Furtado, n° 2946, CEP 68040-070 Bairro Fátima, Santarém PA, Brasil

^d Departamento de Arqueologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rua São Francisco Xavier, 524, Rio de Janeiro RJ, Brazil

^e Department for the Anthropology of the Americas, University of Bonn, Oxfordstr. 15 D, 53111 Bonn, Germany

^f Laboratory for the Analysis of Social-Ecological Systems in a Globalized world (LASEG), Institute of Environmental Science and Technology, Universitat Autònoma de Barcelona Edifici ICTA-ICP Carrer de les Columnes s/n Campus de la UAB 08193 Cerdanyola del Vallès Barcelona, Espanha

^g Instituto de Ciencias Naturales, Universidad Nacional de Colombia. Av. Carrera 30 # 45-03 Edif. 476 - Facultad de Ciencias Bogotá D.C. Colombia

^h Grupo de Pesquisa de Arqueologia e gestão do Patrimônio Cultural da Amazônia, Instituto Mamirauá. Estrada do Be-xiga, 2.584 Bairro Fonte Boa Tefé (AM), Brasil

- 5) Os povos Indígenas e comunidades locais, bem como os cientistas sociais, devem ser incluídos na criação e nos planos de gestão das áreas protegidas.
- 6) São necessárias outras iniciativas de agências estatais, ONGs e do setor privado para apoiar os povos Indígenas e comunidades locais a fim de gerar renda proveniente da agrobiodiversidade, permitindo aos residentes continuarem com seus modos de vida ao mesmo tempo em que preservam serviços de ecossistemas vitais.
- 7) As agências estatais devem incluir o uso controlado, pelos povos Indígenas e comunidades locais, de queimadas em estratégias de gestão ambiental dentro de áreas protegidas.
- 8) Os governos devem criar zonas de proteção e de amortecimento ao redor das “ilhas de florestas”, especialmente corredores das terras protegidas.
- 9) Deve-se mudar paradigmas de educação a fim de incorporar o conhecimento arqueológico da Amazônia e conduzir campanhas de conscientização sobre as contribuições intelectuais fundamentais de seus povos para o desenvolvimento nacional e global. São necessários projetos de educação intercultural de forma que a histórias e o conhecimento possam agir como referência central para o empoderamento dos povos Indígenas e comunidades locais.
- 10) Decisões sobre projetos de infraestrutura e outros projetos de desenvolvimento devem seguir a Convenção N.º 169 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais.

Resumo A arqueologia nos conta como os povos Indígenas transformaram a natureza na Amazônia durante milênios, até um ponto que é difícil separar a herança natural da cultural nos dias de hoje. Também mostra que o tipo de futuro sustentável para a região deve considerar a rica herança Indígena manifestada em sítios arqueológicos e paisagens contemporâneas, bem como o conhecimento contemporâneo de sociedades tradicionais.

Introdução A arqueologia mostra que toda a Amazônia foi ocupada pelos povos Indígenas no passado. As lacunas vistas no mapa (Figura 8.1)^{1,2,3}, por exem-

plo os rios Iça/Putumayo e Juruá, refletem a ausência de trabalho de campo, e não a ausência de ocupação humana anterior. A arqueologia também fornece uma oportunidade única para entender o passado humano, desde suas primeiras manifestações até o presente, passando por várias escalas temporais e espaciais, que nos permitem observar as continuidades e os processos históricos que poderiam, de outra forma, escapar a observação⁴. A pesquisa arqueológica na Amazônia tem crescido consideravelmente durante as últimas décadas, ganhando impulso na região após o desenvolvimento de grandes colaborações internacionais e interdisciplinares e a consolidação de grupos de pesquisa baseados na Amazônia e departamentos de arqueologia de universidades. Todos esses fatores têm contribuído significativamente para a expansão e o aprofundamento do conhecimento sobre as histórias das populações Indígenas na Amazônia.

A história humana na região está estreitamente entrelaçada com importantes transformações ambientais que afetam a distribuição de recursos vitais nos dias de hoje. Embora este capítulo foque primordialmente nos períodos anteriores a 1492, ele visa a demonstrar que a arqueologia é uma ferramenta valiosa para influenciar as políticas de conservação.

Assentamentos iniciais na Amazônia A noção de que a hostilidade ambiental e as forças da natureza provocaram um processo de decadência nas populações amazônicas remonta ao início do século 19, e influenciou a primeira pesquisa arqueológica conduzida em meados do século 20. A alta visibilidade dos sítios arqueológicos com elaboradas peças de cerâmicas e estruturas monumentais levou a sugestões de uma chegada tardia de humanos à Amazônia, vindos de áreas supostamente mais avançadas, como os Andes. Pelo contrário, dados de diversas regiões amazônicas mostram assentamentos humanos desde o fim do último período de glaciação, há mais de 12.000 anos, em sincronia com outros locais na América do Sul, incluindo as primeiras artes em rocha conhecidas nas Américas. É provável que a alta diversidade de biomas dentro da Amazônia te

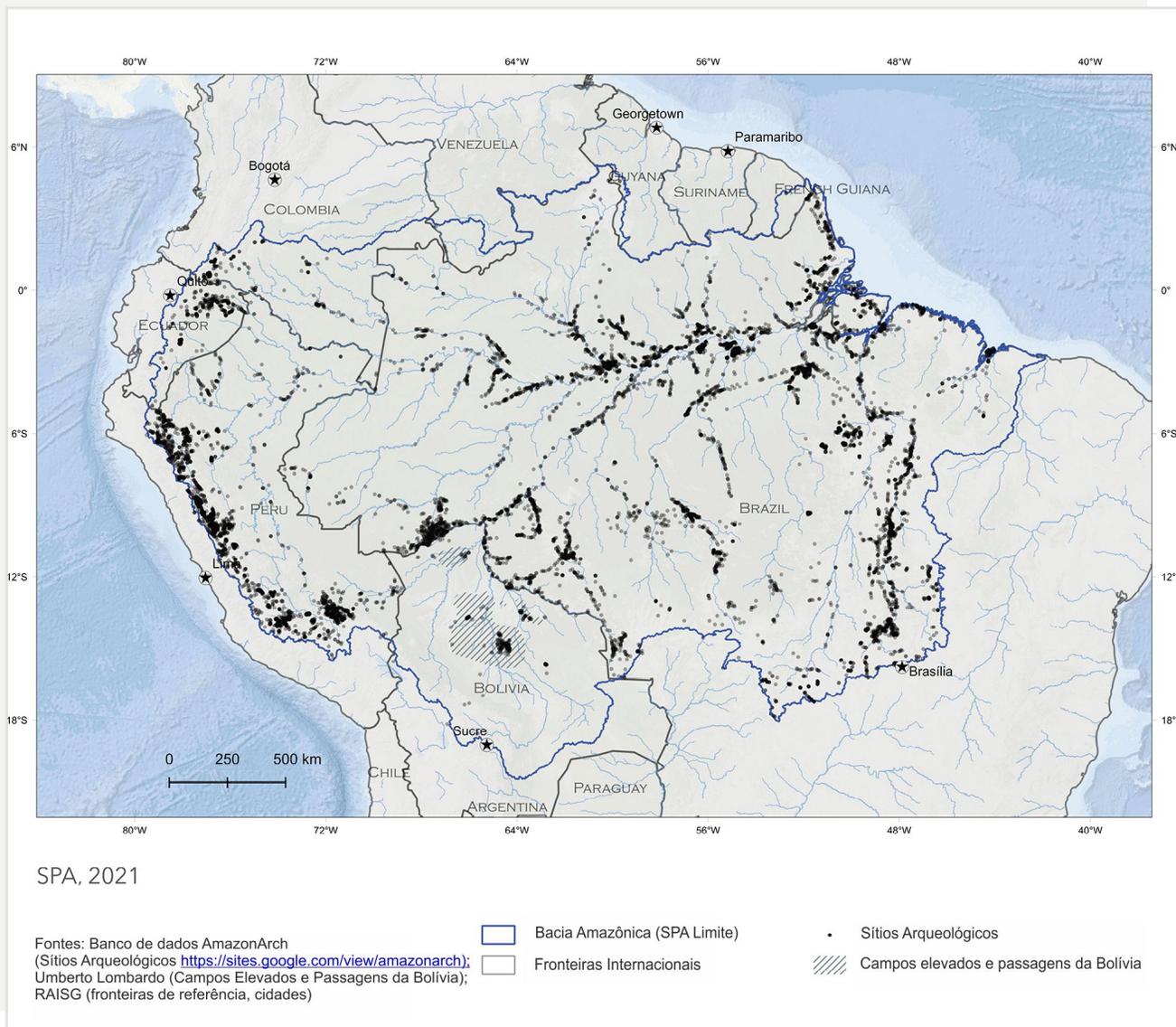


Figura 8.1 Sítios arqueológicos na Amazônia.

na sido uma das causas para emergência da diversidade cultural entre os primeiros habitantes, estabelecendo um padrão inicial que continua até o presente. Dados genéticos demonstram que, virtualmente, todas as populações Indígenas nas Américas ao sul do Círculo Ártico compartilham a mesma herança genética vinda do Noroeste Asiático, e que esse também é o caso dos povos Indígenas da Amazônia⁵.

Amazônia como centro de domesticação A Amazônia não apenas é um dos centros mundiais independentes de domesticação de plantas, mas também o cenário de um grande processo de domesticação de paisagens. Estudos de práticas atuais entre povos Indígenas e comunidades locais, e dos conjuntos biológicos resultantes, fornecem pistas sobre como práticas antigas impactaram a biodiversidade^{6,7}. Ao construir culturalmente seus nichos, os povos Indígenas e comunidades locais domesticaram as

paisagens amazônicas, aumentando a disponibilidade de alimentos perto de suas habitações e através de práticas que incluíam: (1) remover plantas indesejáveis, (2) proteger árvores úteis durante todo o seu desenvolvimento, (3) atrair dispersores de animais, (4) dispersar sementes diretamente, (5) selecionar fenótipos específicos, (6) manejar o fogo, (7) cultivar plantas úteis e (8) aumentar a estrutura e a fertilidade do solo, por exemplo através da criação de solos antropogênicos e aterros⁸. Ao alterar a morfologia, demografia e distribuição de espécies de plantas e de animais, os povos Indígenas transformaram cada vez mais os ecossistemas locais durante o Holoceno, domesticando diferentes ambientes, inclusive florestas, savanas e pântanos, e utilizando e manejando milhares de espécies de plantas⁹⁻¹². O recente progresso feito pela arqueologia e ecologia ao documentar as influências humanas sobre a vegetação, tanto no passado quanto no presente, aponta para um cenário onde, após pelo menos 12.000 anos de evolução conjunta entre humanos, plantas, animais, clima e paisagens, os ecossistemas amazônicos atuais refletem graus variados de influência humana, enquanto ambientes intocados estão se tornando cada vez mais raros¹³⁻¹⁵.

Amazônia como centro da produção inicial de cerâmica nas Américas Análises de peças cerâmicas ocupam um lugar especial na arqueologia amazônica, pois elucidam sobre tradições tecnológicas, relações sociais e universos simbólicos dos povos que as construíram e utilizaram. Cerâmica não apenas têm um papel importante no processamento e consumo de alimentos e bebidas, mas também atua como um meio de transmitir ideias através de seus padrões decorativos¹⁶. Na América do Sul, a cerâmica foi inventada de forma independente em pelo menos seis áreas diferentes. Quatro desses centros estão na Amazônia: Baixo Rio Amazonas, litoral Atlântico, Bacia do Alto Rio Madeira e a bacia Zamora-Chinchipe no Equador. Nas primeiras três áreas, as primeiras peças cerâmicas eram associadas à construção de aterros artificiais de conchas e terra. Na quarta área, a estruturas de pedra. As duas áreas fora da Amazônia estão no litoral norte da Colômbia e no litoral do Equador.

Formação de terras pretas antropogênicas (TPAs ou terras pretas) e evidências de construções espalhadas de nichos humanos em meados/final do Holoceno TPAs são solos orgânicos formados pela atividade humana, com coloração de preta a marrom, que cobrem áreas de até 90 hectares e são encontrados em muitos dos sítios arqueológicos na Amazônia, na sua maioria datando de cerca de 2.500 anos atrás^{6,14-17}, embora casos anteriores tenham sido identificados. Esses solos são estáveis e férteis, com maior pH e nutrientes (P, N, Ca, Mg) em

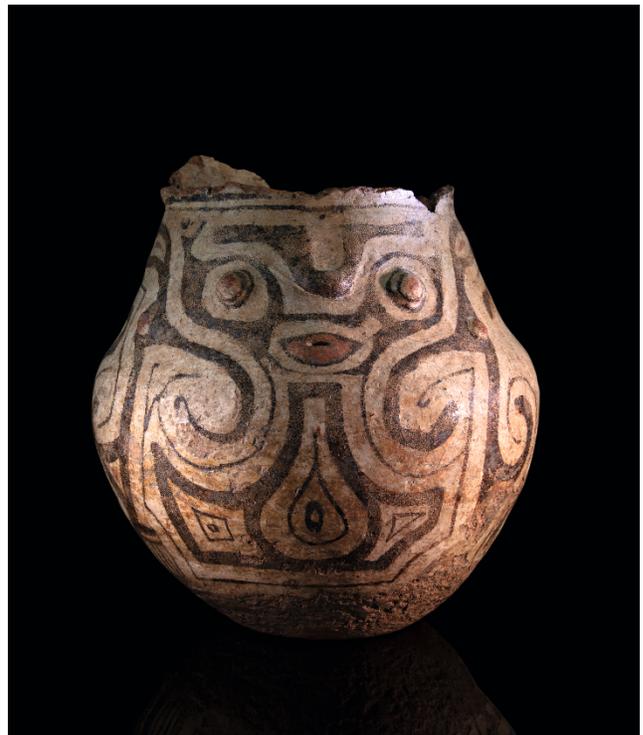


Figura 8.2 Urna funerária policroma, fase de Marajoara, ilha de Marajó, foz do Amazonas, Brasil, 1.600 - 700 AP, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, (crédito Maurício de Paiva).

comparação a solos adjacentes. As TPAs mantêm essas características até hoje, a despeito das intensas condições de lixiviação do solo da Amazônia^{21,22}. As comunidades contemporâneas escolhem as TPAs para cultivo em razão dessas propriedades^{23,24}.

Apesar de ser conhecida dos cientistas desde o século 19, foi muito tempo depois que a origem Indígena desses solos foi estabelecida^{22,23}. Hoje se aceita

que as TPAs estão entre os testemunhos mais visíveis e amplos dos antigos assentamentos Indígenas na Amazônia. O estabelecimento da origem Indígena das TPAs marcou um importante divisor de águas na arqueologia amazônica, à medida que confirmou transformações em paisagens no passado em escalas que antigamente se pensavam ser impossível²⁷⁻²⁹.

Diversidade cultural e monumentalidade na Amazônia antiga Desde o início da pesquisa sistemática na região, o estudo das cerâmicas vem tendo um papel crucial no mapeamento da distribuição das unidades ou culturas arqueológicas, muito em razão da grande quantidade com que são descobertas em comparação a outros tipos de vestígios. Peças de cerâmica lindamente decoradas da região do baixo Rio Amazonas rapidamente chamaram atenção dos naturalistas do século 19, ganhando amplo espaço nas coleções de muitos museus europeus³⁰.

A monumentalidade de estruturas de terra é fundamental na composição das paisagens atuais da Amazônia. Montes artificiais, estradas, redes de estradas, campos elevados, valas, diques, açudes, canais e megálitos são tipos de monumentos encontrados em diferentes partes da região. Como a maioria foi construída com solo como matéria-prima e depois coberta por florestas após o colapso demográfico no início da era colonial, muitas dessas estruturas foram consideradas como naturais até recentemente (Figura 8.3). Por outro lado, lugares naturais como cachoeiras, rios, corredeiras e colinas habitam também a memória das populações locais. Muitos desses monumentos, sejam naturais ou artificiais, são lugares de memória. Sítios e objetos arqueológicos servem para forjar e manter identidades regionais locais, passadas e presentes, ao mesmo tempo em que têm um papel permanente na construção de conexões entre as sociedades e os mundos espirituais.

Arqueologia: Um caminho privilegiado para o passado e o presente da Amazônia Na Amazônia, a arqueologia está viva e pertence tanto ao presente quanto ao passado. Apesar dos colapsos demográficos ocorridos em toda a região após o início da

conquista e colonização europeia, podemos dizer que nos últimos 12.000 anos a Amazônia nunca foi um espaço vazio, sem pessoas, mas sim que tem sido formada como um registro das práticas humanas.

As paisagens permanentemente ocupadas pelos povos Indígenas e comunidades locais abrangem múltiplas temporalidades e escalas de tempo. As diferentes conexões entre práticas de gestão pré-colombianas e aquelas tradicionais contemporâneas evidenciam como as plantas e as paisagens fornecem uma linha de continuidade que remontam a milênios, independentemente das descontinuidades biológicas entre as populações humanas.

Dessa forma, é extremamente importante o uso da arqueologia para entender o período após a invasão europeia nas Américas até o presente; deixar de fazê-lo perpetuaria uma imagem fossilizada dos povos Indígenas como habitantes de um passado distante ou de uma floresta longínqua^{31.p4}, ao mesmo tempo em que ofuscaria as contribuições de grupos sociais, como os quilombolas (afrodescendentes, veja o Capítulo 13), camponeses da floresta, seringueiros e populações urbanas, que têm criado seus próprios vestígios arqueológicos.

Papel dos dados e perspectivas arqueológicas na avaliação e planejamento de áreas protegidas A pesquisa arqueológica pode fornecer perspectivas úteis na avaliação dos atuais usos da terra e um valioso suporte no planejamento de estratégias mais eficazes e justas que reconheçam o papel e os direitos fundamentais dos povos Indígenas e comunidades locais de hoje. Essas estratégias precisam incorporar a criação de terras protegidas ocupadas também por povos Indígenas e comunidades locais. O capítulo apresenta propostas mais detalhadas acerca da criação e gestão das atuais áreas protegidas, que incluem terras Indígenas, territórios dos povos tradicionais e unidades de conservação.

Arqueologias dos povos Indígenas e comunidades locais Desde sua criação como disciplina, a arqueologia tem sido utilizada como elemento poderoso da

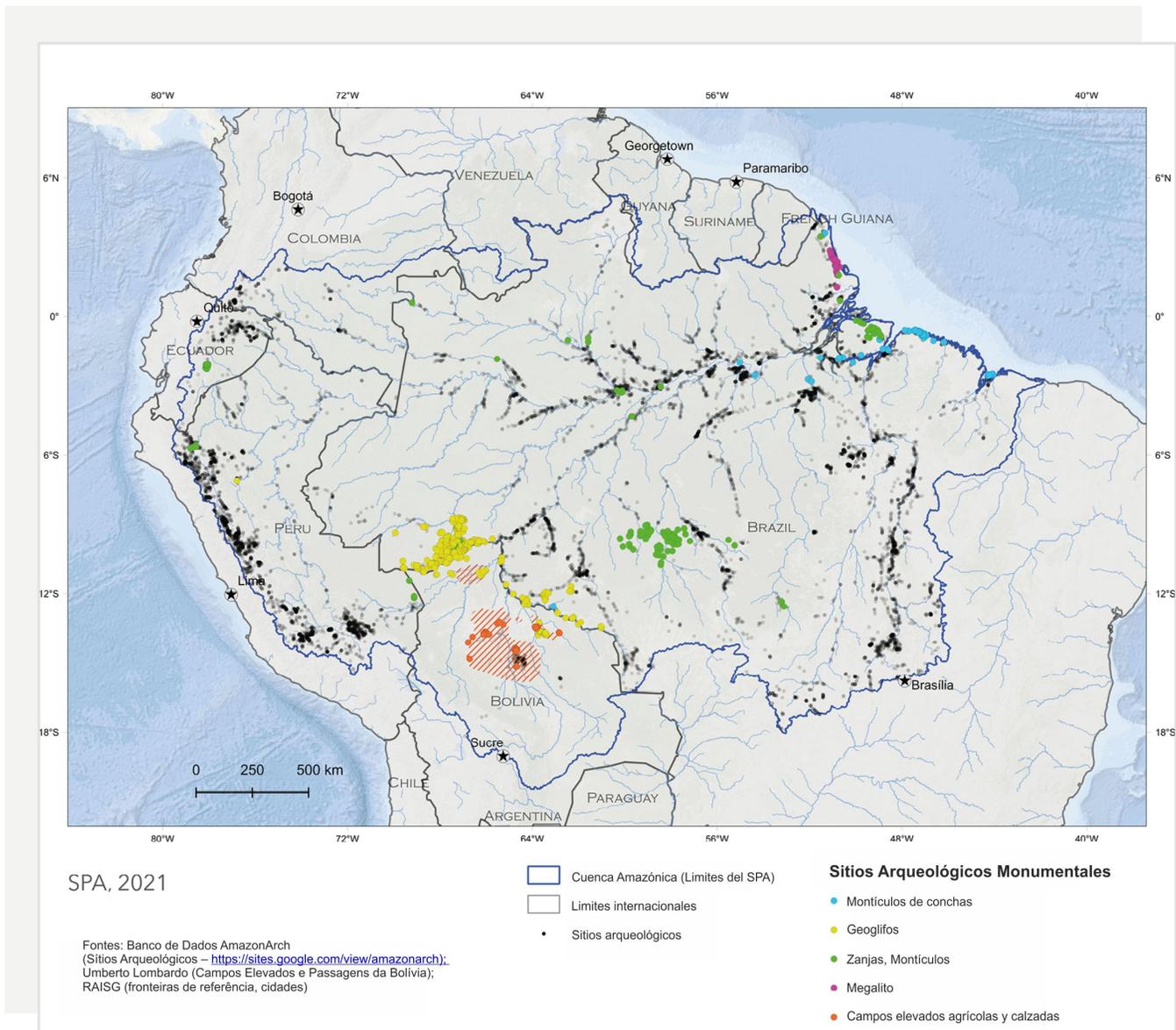


Figura 8.3 Monumentalidade na Amazônia.

construção de identidades étnicas, nacionais e imperiais. Até recentemente, essa iniciativa era realizada por grupos da elite ou para servir a interesses políticos específicos. Nas últimas décadas, sob pressões de outros grupos, que começaram a ativamente reivindicar o passado para si mesmos³² mobilizando sítios arqueológicos (e vestígios específicos) como parte de seu discurso político³³, contribuindo para

alterar esse cenário, a disciplina foi levada a reconsiderar seu papel e responsabilidades em relação a esses grupos reivindicantes, em particular os povos Indígenas e comunidades locais marginalizadas.

Ocorreram também conflitos entre os povos Indígenas, comunidades locais e a arqueologia dentro de contextos mais amplos e violações de direitos hu-

manos causadas pela expansão das fronteiras capitalistas (ex.: desenvolvimento de infraestruturas, como construção de barragens e estradas) dentro da estrutura de concessão de licenças ambientais^{34,35}.

Na Amazônia, herança natural é herança cultural

Ao revelar o papel dos antigos habitantes da Amazônia na configuração das florestas e paisagens urbanas, e através do estudo das relações entre agrobiodiversidade, legados da paisagem e atuais sociedades plurais da região, a arqueologia pode fornecer uma perspectiva de longo prazo e exemplos concretos de caminhos que levam à conservação e restauração da região.

Conclusões A herança arqueológica da Amazônia está sendo atualmente destruída a um ritmo cada vez mais rápido. Qualquer solução concebida para a Amazônia deve necessariamente ter em seu centro os povos Indígenas e comunidades locais, cujas identidades estão estreitamente ligadas aos territórios que têm ocupado tradicionalmente. Como guardiões da terra, eles sabem como gerenciar esses territórios. A forma mais eficaz de conservar a biodiversidade e a herança arqueológica na Amazônia e no mundo é através dos direitos à terra coletiva aos povos Indígenas e comunidades locais, em conjunto com as contribuições do conhecimento científico^{36,37}.

Referências

1. AmazonArch. Amazonian Archaeological Sites Network. <https://sites.google.com/view/amazonarch/home>.
2. Lombardo, U., Canal-Beeby, E. & Veit, H. Eco-archaeological regions in the Bolivian Amazon. *Geogr. Helv.* **66**, 173–182 (2011).
3. RAISG. Amazonian Network of Georeferenced Socio-Environmental Information. <https://www.amazoniasocioambiental.org/en/> (2020).
4. Heckenberger, M. J. The ecology of power: Culture, place and personhood in the southern Amazon, AD 1000-2000. *The Ecology of Power: Culture, Place and Personhood in the Southern Amazon, AD 1000-2000* 1–404 (2004).
5. Posth, C. *et al.* Reconstructing the Deep Population History of Central and South America. *Cell* **175**, 1185–1197.e22 (2018).
6. Levis, C. *et al.* Persistent effects of pre-Columbian plant domestication on Amazonian forest composition. *Science* **355**, 925–931 (2017).
7. Loughlin, N. J. D., Gosling, W. D., Mothes, P. & Montoya, E. Ecological consequences of post-Columbian indigenous depopulation in the Andean–Amazonian corridor. *Nat. Ecol. Evol.* **2**, 1233–1236 (2018).

8. Levis, C. *et al.* How People Domesticated Amazonian Forests. *Front. Ecol. Evol.* **5**, (2018).
9. Clement, C. R. *et al.* The domestication of Amazonia before European conquest. *Proc. R. Soc. B Biol. Sci.* **282**, 20150813 (2015).
10. Rostain, S. *Islands in the rainforest: landscape management in pre-Columbian Amazonia*. vol. 4 (Left Coast Press, 2013).
11. Mayle, F. E. & Iriarte, J. Integrated palaeoecology and archaeology - a powerful approach for understanding pre-Columbian Amazonia. *J. Archaeol. Sci.* **51**, (2014).
12. Balée, W. L. & Erickson, C. L. *Time and Complexity in Historical Ecology. Time and Complexity in Historical Ecology* (Columbia University Press, 2006).
13. Erickson, C. L. The domesticated landscapes of the Bolivian Amazon. *Time Complex. Hist. Ecol. Stud. Neotrop. Lowl.* **235**, 78 (2006).
14. Roosevelt, A. C. The Amazon and the Anthropocene: 13,000 years of human influence in a tropical rainforest. *Anthropocene* **4**, 69–87 (2013).
15. Balée, W. *Cultural forests of the Amazon: a historical ecology of people and their landscapes*. (University of Alabama Press, 2013).
16. Lima, H. H. P., Barreto, C., Jaimes Betancourt, C. & Betancourt, C. J. Novos olhares sobre as cerâmicas arqueológicas da Amazônia. in *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese* (eds. Barreto, C., Lima, H. & Betancourt, C.) vol. 1 19–31 (IPHAN Belém, 2016).
17. Heckenberger, M. J., Petersen, J. B. & Neves, E. G. Village size and permanence in Amazonia: two archaeological examples from Brazil. *Lat. Am. Antiq.* 353–376 (1999).
18. Kern, D. C. *et al.* Distribution of Amazonian Dark Earths in the Brazilian Amazon. in *Amazonian Dark Earths* 51–75 (Springer, 2003).
19. Neves, E. G., Petersen, J. B., Bartone, R. N. & Da Silva, C. A. Historical and socio-cultural origins of Amazonian dark earth. in *Amazonian dark earths* 29–50 (Springer, 2003).
20. McMichael, C. H., Palace, M. W. & Golightly, M. Bamboo-dominated forests and pre-Columbian earthwork formations in south-western Amazonia. *J. Biogeogr.* **41**, 1733–1745 (2014).
21. Lehmann, J., Kern, D. C., Glaser, B. & Woods, W. I. *Amazonian dark earths: origin properties management*. (Springer Science & Business Media, 2003).
22. Teixeira, W. G., Kern, D. C., Madari, B. E., Lima, H. N. & Woods, W. *As terras pretas de índio da Amazônia: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas*. (Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental, 2009).
23. Clement, C. R., McCann, J. M. & Smith, N. J. H. Agrobiodiversity in Amazonia and Its Relationship with Dark Earths. in *Amazonian Dark Earths* 159–178
24. Junqueira, A. B., Shepard, G. H. & Clement, C. R. Secondary forests on anthropogenic soils in Brazilian Amazonia conserve agrobiodiversity. *Biodivers. Conserv.* **19**, 1933–1961 (2010).
25. Sombroek, W. G. Amazon soils: A reconnaissance of the soils of the Brazilian Amazon region. (Pudoc, 1966).
26. Smith, N. J. H. Anthrosols and human carrying capacity in Amazonia. *Ann. Assoc. Am. Geogr.* **70**, 553–566 (1980).

27. Petersen, J., Neves, E. & Heckenberger, M. Gift from the past: terra preta and prehistoric Amerindian occupation in Amazonia. in *Unknown Amazon, culture in nature in ancient Brazil* (ed. McEwan, C. et al.) (British Museum Press, 2001).
28. Glaser, B. & Birk, J. J. State of the scientific knowledge on properties and genesis of Anthropogenic Dark Earths in Central Amazonia (terra preta de índio). *Geochim. Cosmochim. Acta* **82**, (2012).
29. Woods, W. I. et al. *Amazonian dark earths: Wim Sombroek's vision. Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek's Vision* (2009). doi:10.1007/978-1-4020-9031-8.
30. Neves, E. G. O velho e o novo na arqueologia amazônica. *Rev. Usp* 86–111 (1999).
31. Monteiro, J. M. Tupis, tapuias e historiadores: Estudos de histórica Indígena e do indigenismo. (2001).
32. Politis, G. G. & Curtoni, R. P. Archaeology and Politics in Argentina during the last 50 years. in *Comparative Archaeologies* 495–525 (Springer, 2011).
33. Bezerra, M. Signifying Heritage in Amazon: A Public Archaeology Project at Vila de Joanes, Marajó Island, Brazil. *Chungará (Arica)* **44**, 533–542 (2012).
34. Bezerra, M. At that Edge: Archaeology, Heritage Education, and Human Rights in the Brazilian Amazon. *Int. J. Hist. Archaeol.* **19**, 822–831 (2015).
35. da Rocha, B. C., Jácome, C., Forte Stuchi, F. & et al. Arqueologia pelas gentes: um manifesto. Constatações e posicionamentos críticos sobre a arqueologia brasileira em tempos de PAC. *Rev. Arqueol.* **26**, 130–140 (2013).
36. Walker, W. S. et al. The role of forest conversion, degradation, and disturbance in the carbon dynamics of Amazon indigenous territories and protected areas. *Proc. Natl. Acad. Sci. U. S. A.* **117**, 3015–3025 (2020).
37. Garnett, S. T. et al. A spatial overview of the global importance of Indigenous lands for conservation. *Nat. Sustain.* **1**, 369–374 (2018).